



TV Universitária e Extensão: Diálogo Possível

University TV and extension: a possible dialog

Resumo

Este artigo tem como tema a relação entre a TV Universitária e a Extensão Universitária. O objetivo é apresentar a discussão sobre o papel das TVs Universitárias, refletindo sobre o potencial destes veículos para uma atuação extensionista e sobre como eles poderiam compreender a extensão universitária em sua concepção e programação. Para isso, utiliza-se de levantamento bibliográfico para refletir sobre o conceito de TV Universitária, somado ao embasamento previsto na legislação vigente sobre o assunto. Além das discussões teóricas, apresenta-se um relato sobre ações de extensão adotadas pela TV UFES que demonstra ser possível a integração entre a TV Universitária e a Extensão Universitária. Os resultados apresentados pelo projeto de extensão abordado neste estudo indicam que essa relação não só é possível, como deve ser constante e ampliada.

Palavras-chave: TV Universitária; Extensão; Audiovisual;

Camila Fregona Rocha¹
Ana Paula Vieira Souza¹

¹ Universidade Federal do Espírito Santo

Abstract

This article has as its theme the relationship between University TV and University Extension. The objective is to present the discussion about the role of University TVs, reflecting on the potential of these vehicles for an extensionist activity and on how they could understand the university extension in its design and programming. For this, a bibliographical survey is used to reflect on the concept of University TV, added to the foundation provided in the current legislation on the subject. In addition to the theoretical discussions, we present an account of the extension actions adopted by TV UFES, which shows that integration between University TV and University Extension is possible. The results presented by the extension project addressed in this study indicate that this relationship is not only possible but must be constant and extended.

Key words: University TV; Extension; Audiovisual.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a relação entre a TV Universitária e a Extensão Universitária. O objetivo é apresentar a discussão sobre o papel das TVs Universitárias, refletindo sobre o potencial destes veículos para uma atuação extensionista e sobre como eles poderiam compreender a extensão universitária em sua concepção e programação.

O debate acerca da TV Universitária é necessário e justifica-se pelo fato de ainda ser pouco abordado em estudos científicos e pouco conhecido pelo público, incluindo a própria comunidade universitária. Portanto este estudo destina-se à academia e, ao mesmo tempo, ao público telespectador, de forma a divulgar a TV Universitária, a sua importância e a contribuição que ela pode trazer à sociedade; favorecendo, assim, a sua consolidação como uma televisão pública voltada para a promoção da educação, da cidadania, da cultura e da divulgação científica.

Para subsidiar as referidas discussões teóricas, apresenta-se um estudo de caso sobre o projeto “Incentivo à produção e difusão de audiovisual sobre diversidade cultural do ES por meio da TV UFES”, registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde dezembro de 2014. O foco aqui apresentado será o período a partir de junho de 2016 até abril de 2017, momento de submissão do artigo. No entanto o projeto seguiu até julho de 2017 contando, neste período, com uma bolsa estudantil pela primeira vez, motivo pelo qual pode desenvolver uma abordagem diferente dos anos anteriores.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a presente pesquisa é de caráter exploratório com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ao constituir hipóteses (GIL, 2002) [7]. A primeira etapa é um levantamento bibliográfico, feito principalmente com base em livros e artigos científicos relacionados aos conceitos de TV Pública e TV Universitária.

Depois da discussão teórica, apresenta-se o estudo de caso sobre o projeto de extensão aqui destacado e os primeiros resultados demonstrados. O estudo de caso consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [7]. A vantagem da utilização deste método se deve à capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional, como orienta Yin (2001) [16].

Importante ressaltar que, entre as técnicas de pesquisa utilizadas no presente estudo, as autoras também realizaram a observação participante, visto que são jornalistas do quadro da UFES e atuaram ou atuam na TV UFES, de forma que participaram da concepção e execução do projeto de extensão aqui discutido. Assumindo o risco metodológico que este detalhe pode gerar, a intenção aqui é apresentar um

olhar crítico sobre a atuação da TV Universitária e sobre a incursão da TV UFES no campo da Extensão. Ressalta-se que uma das principais críticas ao estudo de caso é uma “falta de rigor metodológico” e uma dificuldade de generalização. Porém os estudos de caso, da mesma forma que os experimentos, são generalizáveis a proposições teóricas, e não a populações ou universos. Ou seja, ele não se direciona a uma generalização estatística, mas a uma generalização analítica, visto que o objetivo do pesquisador é expandir e generalizar teorias (YIN, 2001).

Assume-se, portanto, o risco metodológico, com o compromisso de descrever detalhadamente todas as etapas do projeto de extensão e do estudo em si, como prevê o próprio método adotado; a ideia é colocar em perspectiva a iniciativa extensionista da TV UFES e a relação da TV Universitária com a Extensão Universitária.

TV UNIVERSITÁRIA: UM DEBATE NECESSÁRIO

Parte-se do pressuposto de que a TV Universitária é um dos veículos integrantes do sistema público de comunicação e, portanto, deve atuar de acordo com os princípios e objetivos da radiodifusão pública estabelecidos pela Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008. Trata-se de uma legislação recente, surgida no contexto da criação da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Porém, a Universidade já aparece como entidade legítima para receber uma concessão de radiodifusão desde a década de 1960, como determina o Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967, assinado pelo general Castello Branco [4]. Um ano após a instituição deste decreto-lei, surge a primeira TV Universitária do Brasil, que foi também a primeira TV Pública: a TV Universitária de Recife, ligada à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atualmente transmitindo a programação da TV Brasil e programas próprios. Ela surgiu em um período que compreende o auge da ditadura civil-militar no país, quando TVs educativas foram autorizadas sob a justificativa de funcionarem como um difusor do ideal nacional brasileiro e um instrumento de melhoria da educação e combate aos altos índices de analfabetismo, por meio dos tele cursos, como relata Caparelli [6]. Nesse início, as TVs educativas eram basicamente uma transposição da sala de aula para a televisão, destinando-se à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates [4].

Nesse contexto da década de 1960, o seu caráter está muito atrelado à noção de uma TV Educativa, funcionando por meio de concessão de radiodifusão na chamada “TV aberta”. É a partir da “Lei do Cabo”, a Lei nº 8.977, de 5 de janeiro de 1995, criada no contexto da vinda das primeiras televisões por assinatura para o país, que a TV Universitária propriamente dita é descrita pela primeira vez na legislação. Assim, ganha um maior incentivo e inicia uma expansão baseada na instituição dos Canais Básicos de Utilização Gratuita, quando as operadoras de TV a Cabo são obrigadas a disponibilizar, em sua área de prestação de serviço, canais de distribuição obrigatória, integral e simultânea, sem inserção de qualquer informação. Entre os

canais básicos de utilização gratuita, está um Canal Universitário reservado para o uso compartilhado entre as universidades localizadas no município ou municípios da área de prestação do serviço (BRASIL, 2014) [5].

A “Lei do Cabo” ensejou o crescimento das TVs Universitárias. Até 1995 o Brasil tinha vinte TVs Universitárias, ou seja, vinte Universidades operavam concessões de televisão educativa no modelo da radiodifusão, amparadas pelo Decreto-lei nº 236, de 1967. Porém, com a Lei do Cabo, não é necessário solicitar uma concessão, o que tornou o procedimento de instalação de uma TV Universitária mais simples, e provocou um crescimento de 755% deste grupo de TVs, chegando a aproximadamente 150, em 2009, como informa Ramalho (2010)[11].

Portanto é perceptível que a legislação embasa a criação das TVs Universitárias, mas elas ainda continuam enfrentando muitas dificuldades para a sua consolidação; dificuldades essas relacionadas a recursos financeiros, modos de gestão e afirmação perante o público e a comunidade universitária. A situação das TVs Universitárias segue as mesmas características históricas e legais das comunicações no Brasil: privilégio ao modelo comercial e falta de recursos às TVs públicas, que continuam isoladas, com público restrito e com pouca inserção na sociedade. No que se refere mais especificamente à questão da diversidade cultural e da democratização dos conteúdos, a lei traz algumas inovações interessantes, como a obrigatoriedade da destinação gratuita de canais para o Senado, a Câmara Federal, as Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores, para entidades de caráter educativo-cultural, universidades e organizações comunitárias, além de canais para uso eventual, pagos a preços razoáveis, e da reserva de 30% dos canais para entidades não ligadas à operadora. Estas definições são importantes mecanismos de estímulo à produção local e independente, mas falta uma política industrial para o audiovisual, de capacitação técnica e econômica dos atores locais (BOLAÑO, 2010) [3].

Neste sentido, é difícil chegar a um consenso sobre o papel da TV Universitária. Ela estaria destinada à transmissão de aulas, palestras, cursos, como defendiam os legisladores da década de 1960? Seria um instrumento de comunicação institucional? Uma ferramenta de extensão, ou seja, com a finalidade de aproximar a universidade da sociedade? Deve ser voltada para a divulgação científica, priorizando a difusão e divulgação dos resultados de pesquisa das universidades? Ou seria apenas um laboratório para estudantes de Comunicação Social?

A falta dessa definição conceitual é um dos debates implícitos à questão da TV Universitária. Diferentes concepções podem ser encontradas em artigos e livros sobre o assunto. Por outro lado, alguns estudiosos defendem que não deve haver uma definição, pois ela seria “limitadora” do potencial desta TV.

O que está claro, até o momento, é que esta ainda é uma questão sensível para as TVs Universitárias e acredita-se que este conceito é importante do ponto de vista estratégico e político, sendo fundamental para sua consolidação e, conseqüentemente, para a busca de incentivo, amparo legal e recursos [...] [14].

Sendo assim, apresentam-se algumas das principais definições relacionadas por Souza (2016). A Associação Brasileira de Televisão Universitária (ABTU) afirma que a Televisão Universitária é aquela produzida no âmbito das IES ou por sua orientação, em qualquer sistema técnico ou em qualquer canal de difusão, independente da natureza de sua propriedade. Uma televisão feita com a participação de estudantes, professores e funcionários; com programação eclética e diversificada, sem restrições ao entretenimento, salvo aquelas impostas pela qualidade estética e a boa ética. Uma televisão voltada para todo o público interessado em cultura, informação e vida universitária, no qual prioritariamente se inclui, é certo, o próprio público acadêmico e aquele que gravita no seu entorno: familiares, fornecedores, vestibulandos, gestores públicos da educação, etc. [2].

Outra definição é de que a TV universitária serve de elo entre o conhecimento obtido na instituição acadêmica e a sua beneficiária mais direta: a sociedade. A programação de uma TV universitária deve ser voltada para a construção da cidadania. As pautas e critérios editoriais de seus programas precisam contemplar as histórias de construção e não de destruição. É buscar um olhar positivo para as ações humanas, sem é claro, perder o aspecto crítico e reflexivo que caracteriza a universidade [8].

Ou ainda pode-se dizer das TVs Universitárias: sem fins lucrativos e com a proibição legal de veiculação de anúncios publicitários (exceto apoios culturais, conforme legislação dos canais públicos e educativos), essas emissoras são mantidas por universidades, centros universitários, instituições de ensino superior ou organismos de pesquisa, e têm como objetivo a socialização do saber produzido por essas instituições, assim como estabelecer um vínculo entre a academia e a comunidade na qual está inserida. A TV universitária, em última instância, deve seguir as premissas básicas que norteiam o ensino superior, contemplando as atividades de ensino, a pesquisa e a extensão [10].

Consideramos que Extensão Universitária é a ação da Universidade junto à comunidade que possibilita o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição. É a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social [8]. Pode-se depreender que a definição esboçada por Porcello (2002) [8], conceitua a TV Universitária como extensionista por natureza. Porém, apenas uma das explicações apresentadas pelos pesquisadores traz expressamente a temática da extensão e menciona o tripé que deve nortear a Universidade, que é o trecho de Ramalho (2010) [10].

No âmbito da UFES, o artigo 4º do Capítulo II do Estatuto da instituição corrobora a definição de extensão que aqui se defende estar intimamente ligada ao papel de uma TV Universitária: “VII. promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cul-

tural e das pesquisas científica e tecnológica geradas na instituição” [15].

Entretanto, mesmo comprovada a estreita conexão entre os conceitos de TV Universitária e Extensão Universitária, o estudo das TVs das Universidades Federais brasileiras revelou que na realidade os veículos não estão formalmente vinculados às Pró-Reitorias de Extensão. Excluindo-se os canais geridos por Fundações de Apoio à Pesquisa, que configuram outro modo de gestão classificado pela autora, daqueles que são geridos diretamente pela Universidade, a hipótese inicial era de que as três principais “correntes” existentes seriam: TVs ligadas a assessorias de Comunicação (que normalmente estão vinculadas diretamente aos gabinetes das Reitorias); TVs ligadas a Pró-Reitorias de Extensão e TVs ligadas aos cursos e/ou departamentos de Comunicação (SOUZA, 2016) [14].

Um mapeamento inicial mostrou três televisões geridas por Pró-Reitorias de Extensão, mas depois das comprovações obtidas pelas respostas aos questionários da pesquisa, essa verificação inicial não se confirmou; portanto não se identificou nenhuma TV Universitária com essa vinculação formal [14].

Pondera-se, por outro lado, que este é um aspecto “burocrático”, o que não impede que as TVs Universitárias absorvam em sua concepção e na atuação diária o conceito e os princípios da extensão universitária. Acredita-se ser possível desenvolver ações de extensão universitária nessas TVs, mesmo que a vinculação formal não seja às Pró-Reitorias de Extensão. O projeto de extensão desenvolvido pela TV UFES, que se descreve a seguir, é um exemplo disso.

TV UFES: AÇÕES DE EXTENSÃO

A TV UFES é uma das integrantes do Canal Universitário de Vitória (CNU), nascido na Operadora de TV a Cabo NET, no canal 14, à época compartilhado pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Vila Velha (UVV), Centro Federal Tecnológico do Espírito Santo (CEFET-ES) e Faculdades Integradas Espírito-santenses (FAESA). O sistema de TV a Cabo chegou ao Espírito Santo em 1999 e o CNU foi inaugurado em 21 de agosto de 2000 (SOUZA, 2014) [13].

A programação da TV UFES foi preenchida com alguns programas de iniciativa da Secretaria de Comunicação e Difusão (SCD) e com trabalhos acadêmicos e produções independentes realizadas por professores e estudantes. Assim permaneceu até outubro de 2012, quando da criação da Superintendência de Cultura e Comunicação (SUPECC), que inaugurou novas ações e políticas de comunicação para a Universidade, incluindo o início de um processo de reestruturação da TV, que passou a produzir programas próprios, com equipamentos e equipe dedicados exclusivamente ao veículo [13].

Desde o início desta nova fase, a TV UFES registrou projetos de extensão na PROEX. Em 2013, propôs o projeto “TV UFES: implantação e consolidação da TV Universitária da Universidade Federal do Espírito Santo”, que tinha o objetivo de conseguir apoio para a retomada de produção audiovisual. Esse projeto ficou ativo até

2016, mas não foi contemplado com bolsa.

Em 2014, cria-se o projeto “Incentivo à produção e difusão de audiovisual sobre diversidade cultural do ES por meio da TV UFES”, com foco mais voltado à produção de conteúdos de cunho cultural. Inicialmente, também não recebeu bolsa, o que levou as proponentes a repensarem o foco e os objetivos da ação no momento de renovar o projeto para o período de 2016 a 2017.

A experiência na TV Universitária já demonstrava que a Universidade poderia ofertar uma quantidade de conteúdo audiovisual muito maior do que a sua capacidade de produção. Chegavam à TV UFES muitos pedidos de registro, documentação ou produção de vídeos institucionais para projetos, grupos de pesquisas e eventos realizados pelos diversos cursos da UFES. Contudo não era possível atender, devido à falta de pessoal para tamanha demanda.

A partir deste contexto, com o intuito de capacitar agentes da comunidade acadêmica para que pudessem ser produtores/fomentadores de conteúdo audiovisual, a TV UFES desenvolveu, a partir de junho de 2016, um novo plano de atividades para o projeto supracitado. A mudança na diretriz de atuação deveu-se ao fato de o projeto ter sido contemplado com uma bolsa estudantil, o que possibilitou uma nova abordagem: a realização de oficinas de audiovisual.

Com esse objetivo, o projeto propôs, em uma de suas frentes, a capacitação de estudantes de Comunicação Social e de integrantes de projetos de pesquisa e de extensão universitária, como forma de incentivar o registro audiovisual de tais atividades, ampliando assim a visibilidade das ações desenvolvidas pela UFES e a aproximação com a sociedade.

Além da capacitação, haveria também o incremento da programação da TV UFES no Canal Universitário de Vitória, veículo público de comunicação de caráter educativo e cultural do qual a UFES dispõe e que, com os novos conteúdos, seria melhor aproveitado como instrumento de aproximação entre a Universidade e a sociedade. Sendo assim, o público-alvo desse projeto é a comunidade universitária, mas também a população capixaba, que terá ampliado o acesso ao que é feito na universidade em termos de pesquisa e extensão e ao que é produzido no Espírito Santo em termos de atividades culturais e científicas.

Entendendo a importância da capacitação dos diferentes públicos internos, o projeto fundamentou-se em dois pilares: um voltado para a capacitação de estudantes de Comunicação Social e outro para a capacitação de integrantes de projetos de pesquisa e de extensão (incluindo membros discentes, docentes e técnico-administrativos vinculados aos mesmos).

Considerando as particularidades de cada grupo, optou-se pela realização de duas capacitações para cada segmento, com 20 vagas para cada atividade. Dessa forma, o objetivo era capacitar 80 fomentadores, que repassarão o conhecimento adquirido para os pares e aplicarão as técnicas aprendidas em prol da melhoria na produção e captação de imagens de seus respectivos projetos, o que potencializa a

criação de um banco de imagens para memória e registro das ações desenvolvidas, bem como a possibilidade do fornecimento de tais conteúdos para a produção de pautas da TV UFES, veiculadas posteriormente ao Canal Universitário. Assim, considera-se que o público atendido por este projeto é ampliado de maneira exponencial devido à difusão dos conteúdos por meio da TV por assinatura. O Canal Universitário é veiculado pela NET nos municípios de Vitória e Vila Velha que, segundo dados de 2015 da Anatel [1], somavam cerca de 122 mil assinantes em 2015. Destaca-se que esse número é referente a todas as empresas de TV por assinatura, não somente da NET, mas entende-se que pode ser considerado uma referência porque além dos assinantes, os conteúdos também são divulgados pela internet. No youtube, o canal da TV UFES tem 1.788 inscritos e um total de 202.867 visualizações; no facebook a página da TV UFES tem cerca de 4.500 mil seguidores e uma média de 3 mil de alcance por publicação.

Com base nessa proposta, a equipe da TV UFES iniciou o planejamento das atividades a partir do início do segundo semestre de 2016. Após analisar os objetivos a serem alcançados e os conteúdos a serem ministrados durante a capacitação, optou-se pela aplicação de oficinas. Pela proximidade com o público, decidiu-se iniciar a capacitação com os estudantes de Comunicação Social da UFES. Ao redigir o projeto, a equipe da TV UFES havia pensado em vincular esta oficina à disciplina Laboratório de Telejornalismo, aplicada aos estudantes do sexto período de Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo. Contudo, devido ao fato de o vestibular para o curso ter sido suspenso por dois anos consecutivos pelo Ministério da Educação, não havia turmas formadas para a realização da disciplina descrita durante a execução do projeto, o que provocou uma mudança no público-alvo. A oficina, então, passou a ser planejada para estudantes de Comunicação Social, de qualquer habilitação (Jornalismo, Publicidade ou Cinema e Audiovisual), com interesse no tema Telejornalismo. A alteração possibilitou que estudantes tanto do início do curso quanto finalistas pudessem participar da atividade, tornando mais ricas as discussões, bem como a troca de experiências e conhecimentos.

Em agosto de 2016, a equipe da TV UFES iniciou a pesquisa, planejamento da didática a ser utilizada, revisão de conceitos técnicos, compilação de dados, seleção de material audiovisual a ser apresentado e confecção do material (cartilha em plataforma virtual) para a apresentação. Em setembro, ocorreu a divulgação da atividade e o período de inscrição. Em menos de 48 horas, foram recebidas 44 inscrições, para um limite de 20 vagas. Em outubro, foi realizada a “I Oficina de Telejornalismo da TV UFES”, com a participação de 23 estudantes. O conteúdo, previamente estudado e selecionado pela equipe da TV UFES, abrangeu inicialmente a realização de três módulos: I) Visão geral: noções telejornalísticas (adequação do texto, busca por fontes, desenvolvimento/apuração da pauta, entrevistas, roteiro, decupagem), II) Linguagem audiovisual (enquadramento, proporção, regra dos terços, composição/cenários, variabilidade de planos), III) aspectos puramente técnicos (manuseio de

equipamentos, necessidade de improvisação, iluminação, captação sonora, edição e melhorias do material gravado). Durante as atividades, percebeu-se a necessidade de inclusão de mais um dia de programação, com ênfase na edição no material captado, totalizando quatro dias de atividades, com uma carga horária total de 20 horas.

A oficina foi pensada de forma a integrar a discussão de conceitos teóricos e a realização de exercícios práticos acerca do telejornalismo. Por isso, as atividades ocorreram no estúdio de vídeo do Prédio Multimeios e na sala da redação da TV UFES, ambos localizados no campus de Goiabeiras. O primeiro dia foi dedicado aos conceitos de telejornalismo, como a estrutura de uma equipe e de uma reportagem, papel do repórter, ética no jornalismo, entre outros aspectos. Para integrar o saber acadêmico e técnico com o mercado de trabalho, a equipe da TV UFES decidiu trazer um convidado a cada edição da Oficina de Telejornalismo e a primeira participante foi a jornalista da TV Gazeta Gabriela Ribeti. Os dias subsequentes contaram com a discussão de conceitos técnicos sobre linguagem audiovisual; exercícios práticos sobre manuseio de câmeras, microfones e iluminação; exercícios práticos sobre produção, apuração de dados, apresentação, gravação de entrevistas, preparação de roteiro para reportagens; e a finalização do material captado, com edição e divulgação dos conteúdos.

Dois produtos audiovisuais resultaram dessa atividade: uma reportagem sobre a primeira edição da oficina e uma agenda cultural com eventos da UFES – conteúdos pensados, produzidos, apresentados e filmados pelos participantes. Os produtos foram veiculados nas redes sociais da TV UFES e no Canal Universitário de Vitória (Canal 13 da NET).

Durante a oficina, houve o acompanhamento de profissionais da área em todas as etapas do processo, o que contribuiu para o complemento da formação acadêmica dos discentes. Destaca-se a grande participação dos estudantes, trazendo demandas e dúvidas que puderam ser esclarecidas ao longo da atividade, contribuindo para enriquecer o processo. Além das discussões teóricas, os estudantes puderam exercitar os conteúdos abordados, o que despertou o interesse e engajamento de grande parte do grupo, atraindo inclusive potenciais voluntários para a TV UFES.

A segunda edição da Oficina de Telejornalismo da TV UFES ocorreu em março de 2017, com a participação de 14 estudantes. Ao todo, foram recebidas 24 inscrições, mas acredita-se que o número de participantes abaixo do esperado para 20 vagas disponíveis deveu-se ao fato de a oficina ter sido adiada. Inicialmente agendada para meados de fevereiro, o período da capacitação teve de ser alterado, uma vez que as atividades da UFES haviam sido suspensas na semana anterior, devido a problemas de segurança pública no Espírito Santo.

Apesar do número menor, se comparado à edição anterior, a segunda oficina teve aspectos positivos. Pelo fato de já ter sido realizada a primeira edição em outubro de 2016, a equipe pode otimizar a atividade e corrigir pontos negativos iden-

tificados na edição anterior, principalmente os relacionados ao tempo para cada atividade. O menor número de participantes também possibilitou um atendimento mais personalizado durante os exercícios práticos. Seguindo a proposta de trazer convidados externos para enriquecer atividade, a II Oficina de Telejornalismo contou com a participação do jornalista Getúlio Costa, que apresentou sua experiência de trabalho e seu dia a dia profissional como repórter da TV Capixaba, e do ex-bolsista Rodrigo Schereder, que integrou a equipe da TV UFES entre 2014 e 2016, e atualmente é estagiário no setor de telejornalismo da Record News. Os dois convidados puderam discutir com os participantes temas pertinentes à profissão, entre eles ética e responsabilidade.

Os conteúdos ministrados seguiram a proposta da edição anterior, com a realização de quatro módulos divididos entre conceitos de telejornalismo e de linguagem audiovisual, aspectos técnicos de manuseio de equipamentos, captação de áudio e vídeo, e edição do conteúdo gravado. A oficina também resultou na confecção de dois produtos audiovisuais: uma agenda cultural com as atividades semanais da UFES e uma reportagem sobre o perfil dos estudantes ingressantes na Universidade em 2017 a partir da adesão total da UFES ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), do Ministério da Educação.

Ao fim de ambas as oficinas, os participantes preencheram uma ficha de avaliação em que puderam opinar sobre a atividade e listar sugestões. Entre as respostas dos participantes da primeira edição, 90,5% consideraram a relevância do conteúdo como ótima e 85,7% creditaram o conceito ótimo à avaliação geral da oficina. Entre os comentários e sugestões, destacam-se: “Ótima iniciativa por parte da TV UFES. A TV parece ser uma coisa distante de nós estudantes. Foi proveitoso e interessante”; “Oficina bem produzida que pôde me nortear bastante acerca de elementos importantes que compõem o jornalismo”; “Equipe super preparada e simpática. Gostei muito da oficina e da escolha da repórter. Seria interessante ofertar pelo menos 2 oficinas por semestre, se possível”.

A avaliação da segunda oficina também foi positiva: 88,9% dos participantes consideraram ótima a relevância do conteúdo e a avaliação geral da oficina. Já entre os comentários e sugestões, destaca-se: “A oficina demonstrou como é trabalhar na área e como as matérias são feitas. Com a ajuda dos convidados, a oficina conseguiu mostrar os bastidores do telejornalismo de modo objetivo e claro. As atividades foram muito produtivas e a parte prática do jornalismo feito para a TV foi uma das mais interessantes”.

Diante do exposto, a proposta da equipe da TV UFES é manter a realização contínua desta oficina com, no mínimo, uma edição anual, para capacitar os estudantes em linguagem audiovisual e estimular a produção de conteúdo (para que este seja acrescentado à grade de programação do Canal Universitário). Para isso, ressalta-se a importância da continuidade de bolsas dedicadas a esse projeto de extensão. Ressalta-se ainda que a Oficina de Telejornalismo também aproxima a TV

Universitária do público discente e atrai interessados em contribuir com o trabalho desenvolvido pela TV UFES. Em março de 2017, a TV UFES recebeu seu primeiro bolsista, um estudante de Jornalismo do segundo período, que participou da primeira edição da oficina.

Paralelamente à realização das oficinas destinadas aos estudantes de Comunicação Social, a equipe da TV UFES iniciou o planejamento da atividade voltada a integrantes de grupos de pesquisa e extensão da Universidade. Após a seleção do conteúdo a ser abordado e da didática para aplicação dos conceitos, partiu-se para o registro da oficina junto à Pró-Reitoria de Extensão, por meio do Siex/Ufes, para o posterior agendamento da data de realização [7].

Enquanto isso, a equipe da TV UFES realiza a análise das possibilidades de divulgação. Neste aspecto, a primeira dificuldade apontada pelo grupo foi a forma de acesso ao público-alvo dessa oficina, para que seja feita ampla divulgação, atraindo grande número de interessados. Listou-se a possibilidade de contato por meio das respectivas pró-reitorias, de Extensão e a de Pesquisa e Pós-Graduação, além dos canais oficiais de comunicação da Universidade.

Importante ressaltar que a Oficina de Capacitação Audiovisual pretende que os participantes se tornem replicadores dos conceitos aprendidos e fomentadores de mais registros audiovisuais, ampliando assim o público atendido por essa atividade. A oficina é direcionada a estudantes, professores e técnico-administrativos que atuem nos segmentos de pesquisa acadêmica e extensão universitária, com o objetivo específico de incentivar o registro por meio de fotos, vídeos e sons de tais atividades, ampliando assim a visibilidade das ações desenvolvidas pela UFES tanto em âmbito interno quanto externo, uma vez que os registros produzidos pelos participantes capacitados na oficina poderão integrar o banco de imagens da TV UFES a fim de possibilitar a divulgação de tais projetos e compor futuras produções. Ressalta-se também o potencial da TV Universitária como canal de comunicação, que pode ser melhor aproveitado como instrumento de aproximação entre a Universidade e a sociedade.

CONCLUSÃO

Mesmo que as definições e o papel de TV Universitária não estejam claros, ou ainda sejam muito diversos, como demonstrado na discussão teórica inicial sobre o veículo, conclui-se que é possível agregar à atuação da TV Universitária o mesmo tripé que sustenta a Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Por meio do projeto de iniciativa da TV UFES aqui descrito, ficou comprovada a integração de ações de ensino, pesquisa e extensão na promoção das oficinas de audiovisual. Além de contribuir para o ensino no curso de Jornalismo, também potencializa a atuação de grupos de pesquisa e extensão, que poderão difundir seus trabalhos de maneira mais atraente, didática e efetiva a partir da capacitação reali-

zada.

Portanto, conclui-se que a TV Universitária tem um grande potencial para a extensão universitária, ainda pouco explorado. Para que essa relação entre TV e Extensão se amplie, é imprescindível o apoio institucional, já que o planejamento e execução das atividades requerem tempo, recursos humanos e recursos audiovisuais. Tendo em vista as reflexões aqui colocadas sobre o projeto, entende-se que ações como essa deveriam ser ainda mais frequentes, como indicaram os próprios participantes das oficinas nos questionários de avaliação.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES.** Acessos TV 2015 2017. Disponível em: https://cloud.anatel.gov.br/index.php/s/TpaFAwSw7RPfBa8?path=%2FTV_por_Assinatura%2Fpor_Municipio%2Fcsv. Acesso em 15 ago 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TV UNIVERSITÁRIA.** Revista ABTU TV Universitária + TV Pública. ABTU – Associação Brasileira de TV Universitária – 2013 – nº 0. P. 3-43. 2013. Disponível em: <http://abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Revista-ABTU-00.pdf>. Acesso em 4 jul 2015.
- BOLAÑO, César Ricardo Siqueira.** O modelo brasileiro de regulação do audiovisual em perspectiva histórica. In: RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, n.4, p.94-103, Nov., 2010. Disponível em: <http://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reiis/article/view/651/1299>. Acesso em 4 jul 2015.
- BRASIL.** Decreto-lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei nº 4.117, de 27 de agosto de 1962. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 4 jul 2015.
- BRASIL.** Lei nº 8.977, 6 de janeiro de 1995. Dispõe sobre o Serviço de TV a Cabo e dá outras providências. Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 6 de janeiro de 1995. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 6 dez 2014.
- CAPARELLI, Sérgio.** Televisão e capitalismo no Brasil. Porto Alegre, L&PM, 1982.
- GIL, Antônio Carlos.** Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. Atlas, 2002, 176 p.
- PORCELLO, Flávio Antônio Camargo.** TV Universitária: limites e possibilidades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 146 p. (Coleção Comunicação, 18).
- PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO (PROEX/UFES).** O que é a extensão universitária. Disponível em: <http://www.proex.ufes.br/o-que-%C3%A9-extens%C3%A3o-universit%C3%A1ria>. Acesso em 20 abr 2017.
- RAMALHO, Alzimar Rodrigues.** A contribuição dos canais universitários para a comunicação pública. Revista ABTU TV Universitária + TV Pública, nº 0. ABTU, p. 3-43, 2013. Disponível em: <http://abtu.org.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Revista-ABTU-00.pdf>
- RAMALHO, Alzimar Rodrigues.** O perfil da TV Universitária e uma proposta de programação interativa. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo – 2010.
- ROCHA, Camila Fregona; SOUZA, Ana Paula Vieira; OGGIONI, Ana Cristina Viana.** Incentivo à Produção e Difusão de Audiovisual sobre Diversidade Cultural do ES por meio da TV UFES. Pró-Reitoria de Extensão (Proex)/ Universidade Federal do Espírito Santo.
- SOUZA, A. P. V.,** TV Universitária possível: reflexões sobre o papel da TV Ufes e o seu processo de reestruturação. Projeto de mestrado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. 15 f. 2014.

SOUZA, A. P. V., As TVs Universitárias no contexto das Indústrias Culturais e Midiáticas: o desafio conceitual e a busca de um modelo. 2016. 303 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades. Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Estatuto da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: http://www2.daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/estatuto_da_universidade_federal_do_espirito_santo.pdf. Acesso em 20 abr 2017.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

